

#cm

2

FIM DE SEMANA



O dinossauro ESTAVIVO

Chega ao Rio **neste sábado (9)**, no palco do **Qualistage**, o show da turnê comemorativa dos **40 anos de 'Cabeça Dinossauro'**, o **explosivo, ruidoso e potente álbum** que definiria a **estética e a sonoridade dos Titãs** pelas décadas seguintes. **Página 2**



Branco Mello, Tony Bellotto e Sérgio Britto vão executar 'Cabeça Dinossauro' na íntegra e completam o repertório com sucessos que seguem a identidade desse álbum marcante

O álbum que definiu a identidade dos Titãs

Quarenta anos depois, a contundente crítica social de 'Cabeça Dinossauro' ainda se faz necessária

AFFONSO NUNES

Eles já foram um octeto e agora se apresentam como trio, mas a energia pulsante de suas apresentações ao vivo segue a mesma. Depois de uma explosiva estreia em São Paulo e passagem por Belo Horizonte, os Titãs desembarcam no Rio nesta sábado (9) com o show da turnê comemorativa dos 40 anos de "Cabeça Dinossauro", o álbum que demarcaria a identidade estética e musical da banda nos anos seguintes.

Quando os Titãs subiram ao palco do Espaço Unimed, em São Paulo, no dia 28 de março, para abrir a turnê de 40 anos de Cabeça Dinossauro, a primeira coisa que fizeram foi projetar uma mensagem no telão que exibia o laudo da censura que autorizava a veiculação restrita da faixa "Bichos Escrotos". "Pra quem tem dificuldade em entender o que é Censura!", avisam Branco Mello, Sérgio Britto e Tony Bellotto antes da executar na íntegra um disco que transformou a história do rock nacional.

"Cabeça Dinossauro" nasceu em um momento de transição. O ano era 1986 e o Brasil tentava reaprender o significado de liberdade

“A gente nunca pensou em fazer um disco do zero, começando por um conceito. No 'Cabeça', a gente logo percebeu que essa atitude agressiva estava aparecendo em várias músicas”

SÉRGIO BRITTO

após duas décadas de ditadura, enquanto enfrentava uma crise econômica profunda e uma democracia ainda frágil. Os Titãs, então, lançaram um álbum que confrontava a hipocrisia com uma crueza até então inédita no rock brasileiro. Faixas como "Polícia", "Igreja", "Bichos Escrotos" e "Estado Violência" não apenas criticavam — acusavam. A produção de Liminha, Vitor Farias e Pena Schmidt reforçava essa agressividade com um som pesado, minimalista e visceral. Não havia baladas, não havia qualquer tipo de concessão ao gosto comercial. Só havia fúria e uma penca de canções que ainda fazem enorme sentido.

Quando o álbum foi gravado, os Titãs eram um octeto: além do trio que segue em atividade, estavam no estúdio Paulo Miklos, Nando Reis, Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer

e Charles Gavin. Cinco deles eram vocalistas — uma configuração incomum que criava diversidade e, ao mesmo tempo, algum tipo de confusão. Depois de dois discos de rock com pop, reggae e até flertes com o brega — incluindo o sucesso "Sonífera Ilha" (1984) — a banda surpreendeu com uma mudança de postura radical. O álbum foi concebido sem um conceito prévio. "Quando chegava a hora de gravar um disco, cada um começava a mostrar as ideias aos outros", recorda Tony Bellotto. "A gente nunca pensou em fazer um disco do zero, começando por um conceito. No 'Cabeça', a gente logo percebeu que essa atitude agressiva estava aparecendo em várias músicas. Teve um momento que a gente sentiu que o núcleo era esse." Segundo Sérgio Britto, a prisão de Bellotto e Arnaldo Antunes em 1985, detidos com dro-



gas, contribuiu para essa postura mais agressiva. "Não dá para negar que a prisão do Tony e do Arnaldo, do ponto de vista extramusical, marcou a gente. Acho que isso contribuiu para a postura mais agressiva", afirma.

As canções traziam vocais gritados e letras diretas com recados fortes para um país cuja democracia ainda engatinhava. O primeiro single, "AAUU", era uma música sem precedentes — uma escolha que causou espanto até em Renato Russo, da Legião Urbana, que dominava as rádios com a melódica "Tempo Perdido". Quando os dois se encontraram no programa do Chacrinha, Russo perguntou por que haviam escolhido "AAUU" em vez de canções mais acessíveis do álbum. Britto respondeu com a estratégia da banda: "Era para não deixar dúvida que dali para a frente seria diferente. 'A capa do álbum não mostrava a banda — apenas um esboço de Leonardo da Vinci. Até o título era desafiador. 'Conseguimos convencer a gravadora de que aquilo era algo que faltava no rock nacional', comenta Branco Mello.

"Éramos cinco cantores na banda. Quando você ouve essa massa vocal gritada, você passa a reconhecer os Titãs. No mainstream brasileiro não tinha outra banda assim.

A coisa das letras enxutas, quase como um slogan, tudo isso marcou o nosso estilo", explica Britto. Bellotto destaca que a maior qualidade do disco, mais do que a agressividade, é a força estética da música/: "Os arranjos não têm os sons característicos dos anos 1980. É um disco cru, e musicalmente não envelheceu".

Na turnê, o grupo apresenta a íntegra de Cabeça Dinossauro no início do show, com todas as músicas na ordem das faixas do disco. Depois, completa o setlist com canções de outros trabalhos que conversam com o repertório do álbum. Além dos três, sobem ao palco o baterista Mário Fabre e os guitarristas Beto Lee e Alexandre de Orio. "Tem muitas guitarras no 'Cabeça', alguns solos brilhantes do Tony. Achamos que é bom ter mais uma guitarra no palco", conta Britto. Orio substituiu Bellotto em alguns shows enquanto o titular se recuperava de uma cirurgia como parte de tratamento contra câncer.

O que os críticos e o público têm testemunhado é um show que não trata Cabeça Dinossauro como um museu — é uma reafirmação. Branco Mello, Sérgio Britto e Tony Bellotto tocam com a mesma intensidade de quem ainda acredita que aquelas letras importam. "Cabeça Dinossauro marcou a nossa carreira e a história do rock nacional", disse Sérgio Britto em entrevista. "Inventamos ali o nosso vocabulário — riffs fortes, vocais gritados, letras sintéticas e precisas". Tony Bellotto complementa: "É emocionante celebrar um álbum que permanece atual depois de 40 anos". Branco Mello, por sua vez, ressalta que o título nasceu de uma pequena e poderosa frase composta em 1986: "Cabeça de Dinossauro, Pança de Mamute, Espírito de Porco", que se tornaria a espinha dorsal da ruidosa faixa-título.

SERVIÇO

TITÃS — CABEÇA DINOSSAURO 40 ANOS

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 — Barra da Tijuca) | 9/5, às 21h | Ingressos a partir de R\$ 97,50

Seu sono nunca mais será o mesmo

Lenda do metal progressivo, Dream Theater apresenta 'Parasomnia', seu novo álbum, no Vivo Rio na reta final da turnê que percorreu seis capitais brasileiras

Mark Maryanovich/Divulgação



“'Parasomnia' é nosso álbum mais aventureiro, energético e metalicamente sombrio em mais de uma década” JOHN PETRUCCI

Mike Portnoy, John Petrucci, James LaBrie, John Myung e Jordan Rudess formam o Dream Theater

AFFONSO NUNES

Para uns, é uma banda de metal. Para outros, de rock progressivo. O fato é que o Dream Theater construiu um caminho próprio na cena global. Hoje, com John Petrucci, John Myung, Mike Portnoy, James LaBrie e Jordan Rudess, o quinteto volta ao Brasil em maio para uma série de shows que celebra o novo álbum “Parasomnia” e também sua permanência nessas últimas quatro décadas. A apresentação no Vivo Rio, neste domingo (10), às 20h, é a penúltima deste giro brasileiro que passou por São Paulo, Brasília, Curitiba e Porto Alegre e se encerra na terça-feira em Belo Horizonte.

Quando a banda se formou em 1985 em Boston, sob o nome Majesty, ninguém imaginava que ela se tornaria a força motriz do metal progressivo. Parasomnia, lançado em 7 de fevereiro de 2025, é o 16º álbum de estúdio do Dream Theater e marca um momento significativo: o retorno de Mike Portnoy à bateria. Portnoy é membro fundador da banda e havia saído em 2010,

retornando agora após 15 anos de trabalho na composição do disco. É o primeiro álbum com o quinteto original desde “Black Clouds & Silver Linings” (2009). O álbum estreou em primeiro lugar nas paradas Billboard Top Hard Rock Albums e Hard Music Albums, vendendo mais de 18 mil unidades na primeira semana — um feito notável para uma banda do gênero. Também alcançou a 41ª posição na Billboard 200, demonstrando a dedicação de uma base de fãs que permanece leal mesmo em um gênero que nunca foi mainstream.

O título “Parasomnia” refere-se a distúrbios do sono perturbadores — sonambulismo, paralisia do sono, pesadelos. Produzido por John Petrucci, o álbum foi mixado por Andy Sneap e conta com a arte de capa de Hugh Syme, que retorna mais uma vez para contribuir com seu olhar para a discografia da banda. Desde a faixa de abertura, “In The Arms Of Morpheus”, até o encerramento com “The Shadow Man Incident”, o disco explora temas de sonhos, consciência e as linhas tênues entre realidade e ilusão.

Petrucci descreveu o processo criativo como uma busca por re-



Divulgação

capturar a energia dos primeiros trabalhos da banda. “Usamos coisas realmente estranhas, como o acorde de ‘Tristão’ e o de ‘Prometeu’, para dar um clima místico a algumas das músicas”, comentou o guitarrista.

O retorno de Portnoy foi essencial para esse tom mais agressivo e direto. “Parasomnia é nosso álbum mais aventureiro, energético e metalicamente sombrio em mais de uma década”, afirmou Petrucci em entrevista. Portnoy, por sua vez, destacou que não ser co-produtor desta vez permitiu que ele se focasse in-

teiramente na performance. “Pude concentrar toda minha energia na bateria, e acho que isso fez diferença”, comentou o baterista.

A história do Dream Theater é a história de como uma banda pode se reinventar sem perder sua essência. Formado inicialmente por Petrucci, Myung e Portnoy, o grupo evoluiu com a adição de James LaBrie nos vocais e, posteriormente, Jordan Rudess nos teclados. Ao longo de quatro décadas, o Dream Theater não apenas sobreviveu — prosperou em um gênero que é, por definição, marginal. Enquanto a indústria da música se movimentava em direção ao pop e ao hip-hop, o Dream Theater mantinha acesa a chama do progressivo.

A turnê brasileira de 2026 segue o formato “Uma Noite Com o Dream Theater” (An Evening With Dream Theater), que oferece aos fãs um mergulho profundo na obra da banda. O setlist inclui Parasomnia na íntegra, celebra o 30º aniversário de A Change of Seasons — um dos discos mais aclamados da banda — e traz outros clássicos e favoritos dos fãs. Petrucci reconheceu que executar o álbum completo pode parecer “um pouco auto-indulgen-

te”, mas garantiu que “tem sido uma explosão” para a banda. “Cada noite é uma oportunidade de explorar essas composições em profundidade”, afirmou.

Críticos e fãs receberam “Parasomnia” como um retorno do Dream Theater à sua velha forma. A presença de Mike Portnoy na bateria adiciona uma dimensão que vai além da nostalgia — é um músico fundador do grupo retornando com novas ideias, trazendo uma precisão rítmica que marca toda a obra.

Esta é a segunda série de shows da banda no Brasil em 2026, após a bem-sucedida turnê de 40º aniversário que passou pela América Latina no início do ano. Seu retorno em curto espaço de tempo é prova da força de sua base de fãs e da relevância que a América Latina representa para a banda.

SERVIÇO

DREAM THEATER — PARASOMNIA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo) | 10/5, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 700 e R\$ 350 (meia)

Quando o manguebeat EXPANDIU SUA FORÇA



Nação Zumbi celebra no Circo Voador os 30 anos de 'Afrociberdelia', o último álbum da banda com o genial Chico Science

AFFONSO NUNES

A Nação Zumbi sobe ao palco onde fez e faz história para celebrar três décadas de "Afrociberdelia". Nesta sexta e sábado (8 e 9), a banda recifense apresenta o álbum na íntegra. O multi-instrumentista argentino Mintcho Garrammone faz o show de abertura na sexta e BNegão no sábado. Os ingressos para as duas noites estão esgotados.

Segundo álbum de estúdio da Nação, "Afrociberdelia" nasceu em 1996 com uma responsabilidade gigantesca que era dar sequência a "Da Lama ao Caos" (1994), disco que deu rosto e voz ao movimento manguebeat. Produzido pelo paulistano Eduardo Bidlovski, o Bid, o disco foi o último gravado com Chico Science, que faleceria um ano depois, em 1997, aos 30 anos, em trágico acidente automobilístico. E "Afrociberdelia" respondeu ao desafio com maestria.

O álbum de 23 faixas representa uma evolução sonora em relação ao trabalho anterior. Se "Da Lama ao Caos" estabelecia as bases do manguebeat, "Afrociberdelia" era sua expansão. Apostando em diferentes sonoridades com mais tecnologia, psicodelia e batidas de hip-hop, o disco incorpora influências muito além das tradições nordestinas — ainda que estas nunca fossem abandonadas. É a batida do maracatu e a drum machine, o ritmo ancestral e a experimentação eletrônica, tudo no mesmo tempo e espaço.

Faixas como "Manguetown", "Macô" e a versão de "Maracatu Atômico" — lançada como single



A Nação Zumbi segue honrando o legado de Chico Science, voz e rosto do movimento manguebeat nos 30 anos de 'Afrociberdelia'



Chico Science (ao centro) e a Nação Zumbi em imagem de 1996

em junho de 1996 — figuram no repertório do álbum e jamais saíram dos setlists da banda em suas apresentações ao vivo. "Manguetown" é uma crônica da lama, do bairro sujo onde "os urubus têm casas", uma metáfora que captura a realidade periférica de Recife. "Maracatu Atômico", originalmente composta por Jorge Mautner e Nelson Jacobina, ganhou novas dimensões na interpretação de Chico Science e Nação Zumbi, com versões que incluíam remixes em ragga e trip-hop — é o manguebeat que conversa com o mundo sem tirar os pés da lama.

"Na verdade, o tempo não chegou nesse disco ainda não. 'Afrociberdelia' é um disco bem à frente

do seu tempo. Se prestar atenção e ouvir ele na íntegra, vai descobrir. Inclusive, percebe-se que o Curupira já tem seu tênis importado, não conseguimos acompanhar o motor da história, mas somos batizados pelo batoque e apreciamos a biculturalidade celeste, como já disse Chico Science", avisa o vocalista Jorge Du Peixe, ao falar para o Correio da Manhã sobre a permanência do álbum.

No palco, Du Peixe, Dengue (baixo), Toca Ogan (percussão), Marcos Matias e Da Lua (tambores), Tom Rocha (bateria) e Neilton Carvalho (guitarra) executam essa obra-prima na íntegra, além de outras pedradas do repertório. É uma formação que carrega a responsa-

bilidade histórica de manter viva a chama de um movimento que, embora tenha surgido em um contexto específico, continua reverberando na música brasileira contemporânea.

A noite de sexta-feira no Circo começa com a apresentação de Mintcho Garrammone, conhecido como o argentino da guitarra baiana. O músico já colaborou com grandes nomes da música brasileira, como BaianaSystem — na faixa "Lucro" — e é responsável por misturas absolutamente excelentes de cumbia e ritmos brasileiros.

No sábado, BNegão apresenta seu novo show solo, "Metamorfoses Riddims e Afins", em que leva sua

mutação sonora a outro patamar dançante. Acompanhado por Pedro Selector (trompete e voz), DJ Castro (pickups e eletrônica), Gilbert T (guitarra, bases, efeitos e voz), Sandro Lustosa (percussões e efeitos) e Paulão King (vocal gutural), BNegão manda versões de clássicos como "Essa É Pra Tocar no (Heavy) Baile" e "A Verdadeira Dança do Patinho (Inna SSA Styla)", somadas a músicas que fazem parte fundamental de seu DNA sonoro. O repertório inclui o samba-reggae "O Sósia" dos paulistas Moleque de Rua, "Cérebros Atômicos" dos Ratos de Porão e a curimba eletrônica "Sorriso Aberto" — uma mistura que reflete a pluralidade sonora que o manguebeat sempre defendeu.

A comemoração dos 30 anos de "Afrociberdelia" é tão relevante quer os ingressos para as duas noites se esgotaram há mais de um mês. Mesmo sem seu maior pensador, a Nação Zumbi segue na trincheira da resistência contra as desigualdades brasileiras, misturando tradição e modernidade sem macular o DNA nordestino.

SERVIÇO

NAÇÃO ZUMBI — AFROCIBERDELIA 30 ANOS
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) 8 e 9/5, às 22h
Ingressos esgotados

O nosso sangue ferve por Magal

Às vésperas dos 60 anos de carreira, o latin lover leva ao palco do Qualistage seus sucessos dançantes que fizeram o Brasil inteiro dançar

AFFONSO NUNES

Se tem algo que une mães brasileiras nascidas nos anos 1970 e 80, é aquela nostalgia irresistível de Sidney Magal e seu jeito eterno de latin lover. E o cantor, que segue em plena forma aos 75 anos, sabe disso e retorna ao palco do Qualistage nesta sexta-feira (8) com a turnê “Me Chama Que Eu Vou” — um aquecimento para os 60 anos de carreira que o artista celebra em 2026.

Nascido em 1950, o cantor começou sua jornada em 1971, quando viajou para a Europa acompanhando um grupo folclórico. Mas foi na década de 1970 que ele se consolidou como um dos principais símbolos sexuais do Brasil, liderando o movimento da música brega — aquele som que fez gerações inteiras dançar em bailes, festas



Denise Andrade/Divulgação

Sidney Magal faz o Brasil dançar desde os anos 1970 com hits como ‘Sandra Rosa Madalena’, ‘Meu Sangue Ferve por Você’ e ‘Me Chama Que Eu Vou’, que dá nome à nova turnê do cantor

de família e até em casa, sozinhas, na frente do espelho.

A tórrida “Meu Sangue Ferve por Você” espalhou-se pelo país como hino de paixão. “Sandra Rosa Madalena”, de 1980, explodiu nas paradas com a voz grave e os requebrados de Magal. E a lambada “Me Chama Que Eu Vou”, também de 1980, fez o Brasil inteiro dançar. Eclético e em sintonia com o gosto povão, Magal gravou lambada, bolero, disco, forró e até funk.

Neste show, o público vai rever exatamente esse artista que pode até exibir fios de cabelo branco mas não envelheceu. Magal segue com aquela presença de palco magnética, aquela que faz todo mundo se levantar da cadeira e assumir sua porção brega sem o menor pudor. O repertório traz os clássicos que marcaram época, mas também homenagens a Tim Maia e aos ícones da Jovem Guarda.

E olha, se você é mãe daquelas que cresceu dançando lambada com o Magal na TV, essa é sua chance de levar a filha (ou o filho) para entender de onde veio aquele romantismo apaixonado, aquele jeito de dançar que você nunca esqueceu. Sidney Magal ainda está aqui, pronto para fazer o sangue de seu público ferver.

SERVIÇO

SIDNEY MAGAL - ME CHAMA QUE EU VOU

Qualistage (Via Parque Shopping - Avenida Ayrtton Senna, 3000, Barra da Tijuca) 8/5, às 21h30 | A partir de R\$ 70

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Altay Veloso canta o legado de Zumbi

Cláudio Reis/Divulgação



Altay Veloso apresenta seu novo show, “Ancestralidade”, nesta sexta (8), às 20h, no Blue Note Rio. O cantor e compositor reflete sobre resistência e identidade, destacando como a memória de Zumbi dos Palmares “ecoa como símbolo de liberdade e dignidade”. O espetáculo reafirma a importância da ancestralidade na luta contínua por respeito e igualdade, conectando passado e presente através das canções do artista.

Jorge Vercillo repassa 30 anos de música

Divulgação



Jorge Vercillo apresenta nova fase de sua carreira em turnê que revisita três décadas de música. A apresentação desta sexta (8), às 21h, no Vivo Rio, reúne sucessos como “Monalisa”, “Que Nem Maré”, “Ela Une Todas As Coisas” e “Melhor Lugar”, entre outras. Um repertório que destaca diferentes ritmos e momentos da carreira do cantautor e compositor que convida o público a cantar junto.

Diálogos musicais do Cone Sul

Divulgação



O projeto Triple Frontera Tour reúne a banda gaúcha Bella & O Olmo Da Bruxa (foto) e os argentinos Buenos Vampiros em noite dedicada ao rock alternativo neste sábado (9), às 18h30, no Experience Music, na Lapa, com repertório que destaca diferentes fases das trajetórias dos grupos e reforça o intercâmbio musical entre Brasil, Argentina e Uruguai, conectando cenas musicais independentes do Cone Sul.

Dean Wareham e sua primeira vez no Rio

Divulgação



Dean Wareham se apresenta pela primeira vez no Rio nesta sexta (8), na sede do Cordão da Bola Preta, na Lapa. O músico revisita mais de três décadas de carreira com faixas das bandas Galaxie 500 e Luna, além de trabalhos solo. Acompanhado por Britta Phillips e Roger Brogan, o artista oferece repertório que transita entre dream pop e indie rock em show intimista.

ENTREVISTA | **ANGEL FERREIRA**

ATOR

'Essa pra mim é a força do teatro, o ritual da presença'

Em 'Sidarta', Angel Ferreira revisita Hermann Hesse e a noção moderna da transcendência

Nilo Bizazetto/Neto/Divulgação

O que o reencontro com as inquietações e os valores de Sidarta, na retomada do processo de encenação, mais te impõe como desafio?

Angel Ferreira - Primeiro, para responder, fico me perguntando que valores essenciais seriam esses os de Sidarta. Aí me vêm coisas simples, como seguir "a voz do coração", mas que, na verdade, é sutil e profundo. Pra isso, ele se abstém de doutrinas e de seguir os mestres. Faz da própria vida um experimento em busca da paz. Esse compromisso radical dele com o que importa - a capacidade de amar e de reverenciar todos os seres, sem detestar o mundo - é uma reafirmação da vida. Resumindo muito meu desafio: como posso encenar alguém que escuta o coração? Pra mim, a prática é estar em contato com a minha respiração, momento a momento durante o trabalho. E isso é miúdo e imenso. Para ser honesto, nunca tinha feito uma peça onde eu firmasse minha atenção na respiração durante tanto tempo. Sabia da importância de respirar, mas nunca tinha realmente colocado minha atenção nisso de forma tão intencional.

Onde começa e termina

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

De braços dados com a transcendência, Angel Ferreira anda demolindo os arames mais bem farpados do moralismo em cada espaço por onde seu festejado "Sidarta" circula. Até 24 de maio, a produção fica em cartaz na sede da Cia dos Atores, na Escadaria Selarón. Sua dramaturgia busca seu pavimento no livro homônimo publicado em 1922 pelo alemão naturalizado suíço Hermann Hesse (1877-1962), um autor vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1946. Na narrativa cênica, a plateia acompanha Sidarta, filho de Brâmane, em sua saída da casa dos pais. Seguido por seu melhor amigo, ambos aderem aos "Samanas", vertente espiritual que busca a iluminação por meio da mortificação do corpo.

Desconfiado e desiludido com as doutrinas, o protagonista conhece o próprio Buda e dele também se afasta, determinado a encontrar seu próprio caminho. Estabelece relação com uma cortesã da cidade, torna-se comerciante e se embrenha no vício e no materialismo para novamente deixar tudo para trás e retornar à simplicidade. Angel transpôs o romance para a cena sob a supervisão artística de Beth Martins e Renato Livera, numa interlocução dramaturgicamente com Walter Daguerra. Quem o vê em cena sai arrebatado. O papo a seguir com o Correio revela as franjas de seu processo estético.

Herman Hesse nesse seu processo cênico?

Ele começa na qualidade de um ser iluminado e termina aí também. Eu gosto de imaginar o Hesse como um artista da paz. Dizem que ele gostava de cultivar um jardim. Ele foi muito próximo do Jung. Ele era um místico, um artista humano, num tempo de nazismo. Imagine só! Então, ele é, pra mim, um mestre que dispõe a história como caminho pra olhar pra dentro de si. É isso que me importa... e isso é tudo. Já as palavras.. ou como eu conto essa

história... eu peço licença todos os dias a ele, para que eu possa contar do meu jeito.

O que esse experimento te fez pensar sobre o ofício de ator?

Que nós somos uma porta. Na melhor hipótese pra mim, o trabalho de ator é uma porta que os espectadores, se assim tiverem coragem e desapego, entrega, podem entrar. Pra ser essa porta, o ator precisa estar fincado no momento presente. Atento, desperto, vivo e imprevisível.

Assim o espectador pode ir além do pensamento, além também das emoções, e experienciar o aqui e agora. Essa pra mim é a força do teatro, o ritual da presença, a história é só um canal pra isso acontecer. E a nós nos cabe não obstruirmos o momento, limpar o caminho e tirar da frente todas as ideias, todos os conceitos, e qualquer esforço para fazer qualquer coisa. É como uma dança onde o bailarino está invisível, só existe a dança.

Quais são as novas trilhas

da peça ao longo deste mês?

Estamos de volta, dois anos depois... agora na sexta temporada..., ao espaço em que estreamos. E voltar é forte e simples, porque fica muito evidente que não há volta. O espaço é tão igual, que dá para sentir o quanto a peça está diferente. Ela amadureceu, ganhou silêncio e calma. No começo, ela era mais uma maratona, quase, do que um estado de fluxo. Agora, está diferente, e sigo aprendendo e tentando partilhar o que tenho aprendido. Mas é uma tarefa difícil contar através de palavras o que é que se vive em cena. Melhor ir lá ver a gente... ou rever..., na Sede da Cia dos Atores.

Que novos trabalhos pela frente?

Não tenho. Adoraria tê-los. Convites podem vir, estou aberto. E seguir contando essa história eu também quero.

SERVIÇO

SIDARTA

Sede da Cia dos Atores (R. Manuel Carneiro, 12 - Santa Teresa)

Até 24/5, sextas e sábados (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

CRÍTICA TEATRO | O DEUS DA CARNIFICINA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Até quando o ser humano, aristotelicamente animal racional, é capaz de cultivar máscaras? De escamotear suas considerações reais? A refinada dramaturgia da francesa Yasmina Reza expõe com exuberância os questionamentos em “O Deus da Carnificina”, premiada e adaptada em 30 países, com versão cinematográfica, dirigida por Roman Polanski.

Dois casais discutem como solucionar uma desavença física entre seus filhos. Divagam sobre o acontecido, aparentemente polidos, mas como numa terapia grupal deixam escapar suas verdades secretas e partem para um imbróglgio acirrado. Em absoluta catarse coletiva, desviando do fato que os levaram até ali, elucubram sobre seus casamentos e profissões.

O embate toma força e ao mesmo tempo são interrompidos por telefonemas descabidos de uma das personagens, que insiste em atender o celular durante a confusão, revelando o quanto é mal educado, forçando à todos esperarem por ele enquanto articula soluções aleatórias como advogado. Costurado à tensão, um humor ácido é muito bem estruturado pela autora, que elabora quatro ótimas figuras em diálogos inspirados.

A encenação é o destaque da montagem, sobre a qual prioriza a hipocrisia da classe média-alta, impulsionando a ação dramática tão bem engendrada pela escritora. Numa viagem disruptiva, Rodrigo



A encenação é o destaque da montagem, sobre a qual prioriza a hipocrisia da classe média-alta

Colapso da hipocrisia

Portella assina também a surpreendente cenografia nada realista – já que no original estão todos num apartamento. Ambienta seu espetáculo num parque, que aliás é onde

ocorre o confronto entre as crianças, colocando seus intérpretes sorvendo picolé, salientando a infantilidade daqueles papéis, ativando a imaginação do espectador. Mantém

a caixa cênica aberta, aludindo o teatro disseminado naqueles seres. Institui pausas corrosivas, pelas quais o barulho do silêncio atormenta. Uniformiza seu elenco, orientando-os

na compreensão de tergiversações e destempero das personas.

O elenco, talentoso, ilumina-se simultaneamente. Karina Teles domina sua personagem, absorta em aprimorada técnica. Há uma melancolia jocosa na atriz que transporta-nos ao talento da saudosa Yara Amaral. O Michel de Thelmo Fernandes é irônico, com oportunas pigmentações de humor que valorizam o espetáculo. Angelo Paes Leme elabora uma sobriedade adequada ao personagem e Anna Sophia Folch, idealizadora do projeto, é uma grata surpresa, trafegando com sagacidade. Todos num jogo harmonioso, executando com perspicácia o clima de tensão em perfeita sintonia dramática.

Karen Brusttolin enroupa os intérpretes em outra época, simbolizando elegância e fraude no caráter daquelas personagens, que vão desmantelando suas vestes a medida que a falsidade dá lugar à veracidade. Toda sujeira é clarificada pela luz de Ana Luiza Molinari de Simoni, que utiliza efeitos lumináres laterais aquecendo os ânimos alterados.

“O Deus na Carnificina” descortina o quanto o ser humano continua distante de viver civilizadamente.

SERVIÇO

O DEUS DA CARNIFICINA

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804, Glória)
Até 7/6, de quinta a sábado (20h) e domingos (17h)
R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Joana Calejo Pires/Divulgação

A última flor do Lácio

Numa de suas melhores atuações no palco, Gregorio Duvivier retorna ao Rio com a comédia poética “O Céu da Língua” no Teatro Casa Grande, em temporada até 17 de maio. O espetáculo, que levou 250 mil espectadores aos teatros, estreou em Lisboa celebrando os 500 anos de Luís de Camões e roubou a cena lá pela Terrinha. Com um texto sedutor e envolvente, Duvivier mostra que poesia pode ser prazerosa e divertida nesta ótima homenagem à nossa língua-mãe. A direção de Luciana Paes, que divide o texto com ator.



Leekyung Kim/Divulgação

Um desafio inusitado

O espetáculo “Novas Diretrizes em Tempos de Paz”, de Bosco Brasil, está em cartaz no Teatro Poeira, em Botafogo, após temporada de sucesso em São Paulo. A trama acompanha um imigrante polonês que desembarca no Rio em 1945 e é interrogado por um oficial da alfândega. Os dois personagens vividos por Fernando Billi e Eric Lenate confrontam suas memórias enquanto enfrentam um inusitado desafio, revelando histórias de um ator que perdeu tudo e um ex-torturador que sempre cumpriu ordens. Temporada até 28 de junho.



Divulgação

Mitologia satirizada

Em cartaz até o dia 28 no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, a comédia “Bosque das Delícias”, de Flavio Freitas, apresenta uma releitura satírica da mitologia grega, com paródias de canções da Jovem Guarda e interação com o público. A trama acompanha Hedonê em busca de uma fonte da juventude para salvar sua mãe, a princesa Psiquê, que envelhece após Zeus não cumprir a promessa de torná-la imortal. A montagem incorpora elementos de metalinguagem através das intervenções cômicas do contrarregra durante a apresentação.

SEXTOU! UM DF DE

FESTA

Fairy - A pior fada de BSB

✳Depois do sucesso das edições "Brat" e Halloween, a Fairy volta com mais uma noite temática em Brasília. Desta vez, a festa "Worst Girl in America" homenageia o álbum homônimo da cantora Slayyyter. Com promessa de ferver a piscina com muito hyperpop, K-pop e eletrônico, o line-up reúne os DJs Luísa Rodrigues, Victor Eloi, Felipe do Céu, Doña Sucos, Pony Boy e Marceline. A programação acontece na Biroasca nesta sexta-feira (8) e é voltada para maiores de 18 anos, com apresentação obrigatória de documento oficial com foto.

Bailão 2000

✳O Bailão 2000 volta nesta sexta-feira (8) com mais uma edição dedicada aos clássicos do funk dos anos 2000. A festa promete hits que marcaram época e o tradicional tamborzão do começo ao fim da noite. O line-up reúne os DJs Hugo Drop, Ursula Zion, Janna e Pepe. A programação conta com ingressos gratuitos limitados e opções de entrada antecipada para acesso facilitado. O evento também oferece área backstage com bares, banheiros exclusivos e acesso ao palco. A entrada é permitida mediante apresentação de documento oficial com foto.

PROJETO

Rimas Que Ensinam

✳O projeto "Rimas Que Ensinam, Versos Que Transformam" leva cultura Hip Hop ao Itapoã com shows de rap, break, DJs, grafite e palestras gratuitas em maio. A programação começa no dia 8, no CED 1 do Itapoã, com atividades às 10h40 e 16h30. Idealizada pelo rapper Mano D, a iniciativa busca promover inclusão e transformação social entre jovens da periferia. O evento também contará com atrações como Jane Mulher Comum, Fillipe Costa e Markão Aborígene, além de acessibilidade com libras e audiodescrição.

Projeto Fercal Feira Massa

✳A Fercal recebe mais uma edição da Fercal Feira Massa, projeto que promove shows, exposições e acesso gratuito à cultura na região. Neste sábado, 10 de maio, o Galpão da Feira Velha do Engenho recebe apresentações de Carol Carneiro, Oliveira e Elza e dos Catireiros de Nossa



Festa Fairy acontece nesta sexta (8), no Biroasca do Conic



Projeto "Rimas Que Ensinam, Versos Que Transformam"

Senhora, além da exposição "Vozes Negras", do artista plástico Marco Antônio. A programação começa às 9h, com entrada gratuita e classificação livre. O projeto também reúne estilos como MPB, chorinho, forró e sertanejo, valorizando artistas locais e do Distrito Federal.

Oficina sensorial

✳O projeto "Sob os Pés do Mundo – Arte e Inclusão", idealizado pelo artista visual e sociólogo Flavio Marzadro, promove em Sobradinho a oficina gratuita "Em busca de Textura", voltada para pessoas cegas e PCDs. As

atividades acontecem nos dias 13 e 19 de maio, com turmas pela manhã e à tarde. A proposta utiliza o toque e a exploração de texturas urbanas para estimular a criação artística e a percepção sensorial. A oficina contará com audiodescrição e mediação acessível, reunindo jovens e adultos a partir de 14 anos.

EXPOSIÇÃO

Mostra "Antônio Poteiro"

✳A CAIXA Cultural promove no dia 7 de maio uma visita mediada e a oficina "Pintando



Espectáculo Anáguas encerra temporada no DF

com Poteiro", comandada por Américo Poteiro, filho do artista Antônio Poteiro. A atividade gratuita será realizada às 10h e vai apresentar técnicas de pintura e detalhes sobre as obras da exposição "Antônio Poteiro – A Luz Inaudita do Cerrado", em cartaz até 21 de junho. A mostra reúne mais de 50 pinturas e esculturas do artista, reconhecido pela valorização do imaginário popular brasileiro e pela forte ligação com Goiás e o Centro-Oeste.

"Perder a borda"

✳O Espaço Cultural Renato Russo recebe, a partir de 22 de

maio, a exposição inédita "Perder a Borda", do artista visual Daniel Jacaré. Com curadoria de Monica Tachotte, a mostra ocupa a Sala Aquário com uma instalação imersiva e novas pinturas que exploram a relação entre corpo, espaço e imagem. A proposta convida o público a vivenciar a obra de forma sensorial, transformando a pintura em ambiente.

Reunião de artistas

✳A Pilastra recebe, a partir de 9 de maio, a exposição "(...) desde antes, até quando?", com curadoria de Luisa Günther.

Divulgação

Divulgação

Divulgação



Até Meryl Streep e Stanley Tucci se surpreendem com o tanto de lucro que *O Diabo Veste Prada 2* tem dado ao circuito

Exorcizando a gargalhada



Scott Yamano/Netflix

'Um Maluco No Golfe 2' renova a graça de Adam Sandler

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

De Meryl Streep o cinema espera tudo (de bom), mas o sucesso de "O Diabo Veste Prada 2", à força de uma arrecadação de arrancada estimada em US\$ 239 milhões, foi mais do que tientes da estrela poderiam imaginar. É mais do que analistas de mercado previam. A maior surpresa acerca do êxito dessa sequência do badalado "The Devil Wears Prada" (2006), na volta da editora má Miranda Priestly, é o fato de uma comédia estar "nas cabeças" da venda de ingressos mundo afora. Fazia tempo que isso parecia hipótese de ficção.

É difícil crer, mas o filão que nos deu de Dercy Gonçalves a Will Ferrell há tempos não se comunicava mais com as multidões via telonas. Não com esse estrondo que Meryl conseguiu causar, lotando salas, dia após dia, desde seu lançamento, no dia 30 de abril. Basta ver o que se dá no Brasil. Aqui, onde a chanchada foi filão imperial nos circuitos – matéria essencial para a nossa formação cinéfila, dos anos 1930 aos 60 -, o último grande feito da seara da gargalhada soma três anos: "Minha Irmã e Eu" (2023), com Ingrid Guimarães e Tatá Werneck, que vendeu cerca de 2,2 milhões de tíquetes. Em 2024, "Os Farofeiros 2" arranhou essa mesma média, ficando pouca coisa atrás. De lá para cá, até pintaram tramas engraçadas, aqui e ali,

Fenômeno de 'O Diabo Veste Prada 2' oxigena os pulmões da comédia, gênero outrora dos mais rentáveis e que tem minguado nos circuitos sob a patrulha da correção política

mas nada com tamanha força.

Em Hollywood então, até Miranda regressar, a risada raramente se fez blockbuster, brilhando mais nas plataformas digitais. Os streamings estão cheios de graça, como comprova o recente e imperdível "Bola Pra Cima", de Peter Farrelly (codiretor de "Debi & Loide"), hoje na Prime Video, que usa o Brasil e o futebol, em tom de Copa do Mundo, para criar uma trama muito loca com Mark Wahlberg e Paul Walter Hauser.

A maneira como esse longa-me-



Divulgação Netflix

Campeão do riso (e de salas cheias) na Itália, Checco Zalone estrela 'Buen Camino', hoje na Netflix

tragem retrata a geografia do Rio de Janeiro (subvertendo as nossas altitudes e latitudes) e caricatura a população brasileira seria destrocada se "Balls Up" (título original) fosse a circuito, sob a guilhotina afiada da correção política e das patrulhas ideológicas. No digital, contudo, ele gruda no olhar de assinantes, na quietude do lar, no sapatinho... onde o cancelamento não chega.

Antes que você, leitora ou leitor, fale em "Se Beber, Não Case" - que custou US\$ 35 milhões, faturou US\$ 469 milhões e ainda papou o Globo de Ouro de Melhor Filme Cômico -, atenção: o longa-metragem que consagrou o diretor Todd Philips é de 2009, e suas duas continuções, menos notáveis, de 2011 e 2013. A última vez em que um

estúdio hollywoodiano viu uma trama cômica driblar a concorrência dos blockbusters de super-heróis, de animações Pixar e aventuras à la "Transformers" ou "Top Gun: Maverick" foi em 2012, quando "Ted", de Seth Macfarlane, que custou US\$ 50 milhões, faturou US\$ 549 milhões pelo mundo afora.

Teve ainda "Missão Madrinha de Casamento" (2011), uma comédia milionária, que chegou a disputar estatuetas do Oscar. Fez de Melissa McCarthy uma estrela. Mas nem ela consegue mais formar filas nas portas dos cinemas pra ver uma narrativa engraçada.

Em 2025, "Corra Que A Polícia Vem Aí!" meteu as caras, renovando a estética da paródia, com o apoio de Liam Neeson para homenagear



Wesley Snipes para além da alteridade



Wesley ajudou a reformular o personagem nas HQs

Curta com o ator vira cult no IndieLisboa, em Portugal, e amplia a fama de seu personagem mais icônico, Blade, o caçador de vampiros da Marvel, que ganhou nova leva de HQs



Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Após de sintonia com as lutas antirracistas da contemporaneidade, o IndieLisboa, que segue até domingo, buscou um símbolo cinéfilo para reforçar a grade de sua programação: Wesley Snipes. Em negociações com Sylvester Stallone (seu amigo de longa data) para retomar o papel do vilão Simon Phoenix numa provável continuação de “O Demolidor” (1993), o astro tomou as telas do festival português em “Another Other”, de Bex Oluwatoyin Thompson. O curta abre um debate sobre intolerância em âmbito institucional. É um dos achados da competição do evento lisboeta.

A boa acolhida fez reverberar para além da “terrinha” o quão icônico Snipes se tornou como um estandarte do empoderamento das populações pretas nos EUA... e fora dele. A retomada de sua persona jogou novos holofotes para seu personagem mais famoso, Blade, o inimigo jurado das criaturas das trevas nos quadrinhos da Marvel. A força simbólica do ator de 63 anos é tanta que ele inspirou a mais recente safra de HQs do super-herói: “Blade: Red Band”, com texto de Bryan Edward Hill e desenhos de C.F. Villa.

Com um faturamento estimado

em US\$ 1,3 bilhão, “Deadpool & Wolverine”, hoje na Disney+ trouxe o Blade de Snipes de volta. Ele apareceu ao lado de Ryan Reynolds e Hugh Jackman retomando a figura do caçador de vampiros. Faz até uma piada com o potencial regresso do vigilante com um outro ator: Mahershala Ali.

Pouco ou quase nada se fala sobre a conturbada transposição do super-herói vampírico Blade para a Disney+ com Mahershala, ganhador do Oscar de Melhor Coadjuvante em 2017 (por “Moonlight: Sob a Luz do Luar”) e em 2019 (por “Green Book: O Guia”). Uma profusão de problemas de bastidores, incluindo negociações, atrasou o projeto. No entanto, a primeira (e muito bem-sucedida) transposição

do vigilante para as telas, com Snipes, segue cultuada.

Hoje, com a polêmica aberta em Portugal com “Another Other”, no IndieLisboa, veículos de imprensa especializada tecem loas sobre o longa-metragem de 1998 que ganha, ano após ano, o reconhecimento de ser a pedra fundamental da Marvel nas telas. Sua onipresença na grade da HBO Max ressalta a relevância da franquia levada às telas entre o fim da década de 1990 e 2004.

Orçado em US\$ 45 milhões, “Blade: O Caçador de Vampiros” (“Blade”, 1998) é uma adaptação para as telas das aventuras de um personagem de histórias em quadrinhos (HQs) lançado pela editora Marvel Comics na década de 1970, sem jamais ter

alcançado, aos olhos do público leitor (apelidado de “marvetes”) a mesma recepção dos vigilantes mais vendidos da empresa, como o Homem-Aranha, o Hulk ou o Capitão América. Contudo, sua transposição para o cinema, dirigida pelo técnico de efeitos visuais (então como pouca experiência como realizador) Stephen Norrington, virou uma coqueluche comercial na venda de ingressos, em todo o planeta, faturando US\$ 131,2 milhões em salas de exibição.

Naquela época, o fracasso comercial de “Batman & Robin” (1997), de Joel Schumacher (1939-2020), cassou a validade de qualquer projeto ligado a quadrinhos em Hollywood, decretando



NewLineCinema

A imagem icônica de Wesley Snipes é evocada no curta ‘Another Other’

Em 1998, a figura de Blade abriu as portas do audiovisual para a Marvel Comics

o filão como um convite ao fiasco. No entanto, a persistência de um ator mudou o que se anunciava como um paradigma. Wesley Trent Snipes (um norte-americano nascido em Orlando, Flórida, em 31 de julho de 1962) sonhava em levar às telas os gibis (jargão brasileiro para quadrinhos) do Pantera Negra, primeiro justiceiro mascarado negro a ganhar notoriedade no mercado editorial, em escopo global, a partir de sua criação, por Stan Lee (1922-2018) e Jack Kirby (1917-1994), em julho de 1966. Detentora dos direitos autorais do personagem a Marvel negou o Pantera a Wesley, por acreditar que aquele era um momento da História avesso a versões de tramas ligadas a comics (termo internacional usado para designar narrativas gráficas com balões), o que significaria o desperdício de uma grife tão icônica quanto a do personagem que ele buscava, definido como o Rei de Wakanda (país fictício). A editora ofereceu-lhe, como compensação, a escolha de qualquer outro personagem negro que quisesse. Diante do apelo que criaturas vampíricas possuíam no imaginário da cultura pop, sobretudo depois de “Drácula de Bram Stoker” (“Dracula”, 1992), Snipes escolheu Blade e investiu o que tinha em sua caracterização. Usou todos recursos que possuía em sua recém-fundada produtora, Amen Ra Films, para levantar o projeto, contando com o suporte da distribuidora (à época de pequeno porte) New Line, que, à mesma época se debruçava sobre a feitura da trilogia “O Senhor dos Anéis” (2001-2003).

Em depoimento ao jornal O Globo, o ator explicou não imaginar o que estava por vir, explicando “quando selei aquele acordo não imaginava que um dia veria alguém da minha cor e não um europeu branco como Schwarzenegger naquele lugar, o que me fez repensar minha vida e o papel político de um filme”. O que o astro classifica como “papel político” se refere ao fato de ele ter dado ao cinema (que então contabilizava 103 anos de atividade) seu primeiro super-herói negro em condição de protagonismo e com potência para arrastar multidões às salas de projeção.

Dominga Sotomayor no balneário da autoralidade

Esperada pela Quinzena de Cannes com 'La Perra', que tem Selton Mello no elenco, diretora chilena arrebatada a Netflix com 'Limpia', thriller psicológico pavimentado em lutas de classe

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sem um novo "O Agente Secreto" para chamar de seu, presente apenas como (co)produtor de produções estrangeiras, o Brasil olha para o 78º Festival de Cannes – que vai abrir a sua edição de número 79 na próxima terça-feira, com "La Vénus Électrique", comédia de Pierre Salvadori – como um espaço de trocas simbólicas com exterior. "Paper Tiger", de James Gray, um dos mais esperados concorrentes à Palma de Ouro de Cannes, vem dos Estados Unidos, mas tem a RT Features, de Rodrigo Teixeira, em sua equação de produção. Ele ainda participa de "La Perra", do Chile, que tem Selton Mello no elenco, sob a direção de Dominga Sotomayor. Um dos filmes mais recentes – e mais potentes – dela, nunca lançado em salas cinemas por aqui, acaba de se instalar na Netflix, ampliando seu prestígio, às vésperas de sua participação na Croisette, na Quinzena de Cineastas: "Limpia".

A diretora entrou de vez por cima de grandes autoras do cinema latino ao faturar o prêmio de Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2018, com "Tarde para Morrer Jovem", longa que também



RT Features

Selton Mello no elenco de *La Perra*, que a chilena Dominga Sotomayor (abaixo) exhibe na Quinzena de Cannes



Divulgação

Hoje na Netflix, 'Limpia' abriu os Horizontes Latinos de San Sebastián, em 2025

disputou o Leopardo de Ouro representando o Chile, país onde nasceu, em 1986. De lá pra cá, o cinema chileno segue aparecendo como uma força criativa intermitente na América do Sul — ao lado do Brasil e da hoje fragilizada Argentina — com Colômbia e Peru correndo com frequência também, nesse jogo. No caso de Dominga, o que marca sua obra é um olhar voltado pra histórias de implosão: personagens aparentemente firmes que, aos poucos, saem do eixo, sem que isso venha embalado por reviravoltas fáceis ou sustos gratuitos.

Foi essa a sua dinâmica no curta "La Isla", de 2013, codirigido com Katarzyna Klimkiewicz, e é por aí que estrutura "Limpia", título de abertura da seção Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián de 2025. Sua forma de narrar é resfolegante.

Inspirado no best-seller de Alia Trabucco, "Limpia" começa com



um tom delicado, lembrando aqueles filmes de "Sessão da Tarde" (tipo "Corina") na forma como observa a relação entre adultos e crianças. Ainda assim, vem sendo vendido como thriller psicológico — um rótulo meio forçado, já que o filme transita por vários caminhos. O suspense aparece pontualmente. A pressão se faz notar numa cena envolvendo a mordida de um cachorro e num desfecho que faz eco ao "Parasita" (2019), de Bong Joon Ho, vencedor da Palma de Ouro e de quatro Oscars. A ponte entre os dois está no retrato do trabalho doméstico dentro de uma casa rica — aqui, visto a partir da rotina de uma babá que tenta encontrar algum prazer na própria vida.

Estela, vivida por María Paz Grandjean (num papel que pode colocá-la em outro patamar na carreira), ganha a vida correndo atrás de Julia (Rosa Puga Vittini), uma menina de seis anos cheia de ener-

gia, filha de uma família abastada. O pai, médico, vive arrumando justificativas "humanistas" pra suas ausências, sempre apoiado no juramento profissional, o que acaba empurrando Estela a ficar mais tempo no trabalho e adiar a própria vida. Ao mesmo tempo, ela carrega a angústia constante com a mãe idosa, que ficou numa cidade distante. Mesmo assim, cria um vínculo forte com Julia — muito além do que o salário pagaria. No meio disso tudo, ainda encontra algum respiro na presença de um cachorro fujão, Daddú, e no interesse amoroso de um frentista com jeito de galã.

A montagem de Federico Rotschein contribui pra criar uma tensão quase invisível, fazendo parecer que algo grave pode acontecer a qualquer momento — seja com Estela, seja com Julia. O romance que surge no caminho da protagonista parece, à primeira vista, mais um problema, mas vai se revelando o oposto disso. Dominga não está interessada no extraordinário: o foco dela é o cotidiano.

Nesse sentido, "Limpia" dialoga com "Que Horas Ela Volta?" (2015), de Anna Muylaert, ao abordar as relações de classe dentro do ambiente doméstico, e também se aproxima, ainda que de longe, de "Camarera de Piso" (2022), de Lucrecia Martel, especialmente no clímax. Vai encontrar sua própria força ao mapear uma América Latina marcada por abusos trabalhistas naturalizados por uma estrutura social desigual. Tema que, nas mãos de outros, poderia virar panfleto — mas que Dominga transforma em um cinema sensível, quase poético, reafirmando a vitalidade da produção chilena.

No esperadíssimo "La Perra", Dominga assume como protagonista a solitária Silvia (Manuela Oyarzún), que vive em uma ilha remota no sul do Chile, onde resgata uma cachorra filhote. Ela batiza o animal de Yuri, o mesmo nome que escolheria para a filha que nunca teve. Esta união forma um vínculo improvável que força Silvia a enfrentar ressentimentos profundos e revisitar relacionamentos rompidos, incluindo um trauma que se recusa a permanecer no passado.

O Festival de Cannes vai até o dia 23 de maio.

Um Frank Miller 'on the rocks', à irlandesa



Quadrinhos de Garth Ennis, o criador da saga 'The Boys' - transformada em série na Prime Video - infestam livrarias e bancas, nos exterior e no Brasil, renovando seu prestígio autoral



Sem qualquer subserviência à correção política, Garth Ennis virou um sinônimo de HQ autoral nos anos 1990

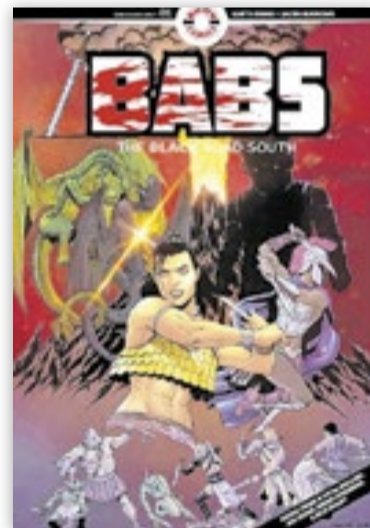
RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tá no ar, na Prime Video, o sexto episódio da sanguinolenta "The Boys", a série que reescreveu a palavra "super-herói" no imaginário nerd, apontando a reta final da luta de Billy Bruto (Karl Urban) contra o malvado Capitão Pátria (Anthony Starr). O êxito do seriado (cercado de culto) catapultou sua argamassa, as HQs do irlandês Garth Ennis, a um status de valor dramático que os quadrinhos sobre vigilantes raramente tiveram, desde os tempos de "Batman - O Cavaleiro das Trevas" e "Watchmen", em meados dos anos 1980.

Ennis é doido num grau tão alto (leia-se "livre", "abusado", "ousado"), que nunca o comparam a Frank Miller (o autor de "Ronin" e "Sin City") e a Alan Moore ("V de Vingança"), embora esteja no quilate de ambos. O êxito da adaptação feita para o streaming das tramas de Bruto elevou seu valor e fez a indústria correr atrás de tudo (de novo) que sai dele, como "Babs: The Black Road South", recém-lançado pela Ahoy Comics nos EUA.

É uma trama capa & espada com arte de Jacen Burrows sobre guerreiras numa arena. Após a imersão no universo de "Babs", Ennis



emprestou sua escrita a tramas do almanaque "Action 2026 Special (Rebellion)", escrevendo o policial Dredger. Agora em maio, pela editora Dynamite (EUA), comemora o fim de "The Boys" no Prime Video lançando um especial. Chama-se "The Boys: Bloody Blind Bag" e traz variantes de tramas da saga.

No Brasil, a Panini acaba de lançar uma joia dele: "Missão: Fury". O Nick Fury da trama não é o que o cinema consagrou, com Samuel L. Jackson. É o Fury pai, o original. O enredo se passa em 1971, quando o Coronel Fury foi capturado pelo Exército Norte-Vietnamita e acabou torturado pelos segredos que conhece... e que seus superiores não podem permitir que venham à tona. Enquanto isso, Capitão Castle, o atirador de elite mais letal dos Fuzileiros, tem um alvo: Nick Fury.



O que não pode ser salvo deve simplesmente ser destruído. Mas Castle e Fury já derramaram sangue juntos antes, e nenhum dos dois é ingênuo.

Hoje, no site da Amazon, o compilado de 288 páginas "Etri-

Divulgação

superpoderoso Jesse Custer já adaptado para um seriado. Escreveu fez ainda tramas lendárias do Justiceiro e promete voltar às páginas do vigilante da Marvel com uma trama ambientada no Vietnã.

Fã de quadrinhos de guerra, ele voltou às bancas brasileiras com "O Pacificador: Perturbando a Paz", explorando a loucura do personagem celebrizado por John Cena na série homônima da HBO Max. Na trama, acompanhamos as ações de Christopher Smith antes de sua entrada para o Esquadrão Suicida. Seu enredo começa no momento em que ele conhece uma psiquiatra obcecada por seu passado. O Pacificador narra sua vida, da infância ao serviço militar, expondo os possíveis poderes ocultos do anti-herói.

Outra joia de Ennis já à venda em português é "Marjorie Finnegan - A Ladra do Tempo", com desenhos de Goran Sudžuka. Sua protagonista é uma criminosa irresponsável que curte correr pra cima e pra baixo nas linhas temporais, roubando tudo que chama sua atenção. O problema é que o desprezível ex-marido de Finnegan e seu maligno parceiro querem usar um dos roubos dela para reescrever completamente a história do mundo.

Em sua passagem pela Marvel, Ennis repaginou o Motoqueiro Fantasma, personagem vivido no cinema por Nicolas Cage, numa série de faroeste. A Panini Comics acaba de compilar esse material num encadernado chamado "Cavaleiro Fantasma: Trilha das Lágrimas". Nela, o soldado do Velho Oeste Travis Parham pensava ter visto o Inferno nas trincheiras. Como tenente do Exército Confederado, ele estava até o pescoço mergulhado em lama e sangue, cercado pelo assobio de estilhaços quentes e pelos gritos de homens moribundos. Dois anos depois, Parham construiu uma nova vida, fazendo o possível para esquecer seus traumas. Agora, o mundo tranquilo de Parham está prestes a ser brutalmente interrompido. Das profundezas, surge uma força da natureza que transcende seus sonhos mais loucos - uma aparição de fogo que sabe uma coisa ou duas sobre o mal... e ainda mais sobre vingança!

gan, o Demônio - Vol. 2" traz ao mercado editorial de quadrinhos do Brasil uma safra de satânicas lutas do diabo rimador sob a batuta de Ennis. No mesmo magazine digital, encontram-se álbuns com a assinatura dele editados pela Alta Geek, vide "Um Passeio no Inferno". É uma série de HQs elaborada num duo com Goran Sudzuka e Ive Svorcina. Em sua trama de mistério nos moldes de "Arquivo X", a dupla de agentes especiais do FBI Shaw e McGregor vê sua realidade se contorcer durante uma investigação em que são guiados pelo psicopata Paul Carnahan, um assassino de crianças dado como morto... e enterrado.

Ennis não tem pudor. Sem qualquer subserviência à correção política, virou um sinônimo de HQ autoral nos anos 1990, quando lançou a saga "Preacher", sobre o pastor

Por Mayariane Castro

A Feira Massa Fercal segue com programação cultural gratuita aos domingos até 17 de maio, no Galpão da Feira do Engenho Velho, na Fercal, no Distrito Federal. A iniciativa reúne apresentações musicais, exposição de artes plásticas e arrecadação de alimentos não perecíveis para doação. As atividades começam às 9h e são abertas ao público.

Neste domingo (3), a programação contará com apresentações da cantora Meriele, acompanhada por Sidney Rosa, na sanfona, e Bibi Noel, na zabumba. Também sobe ao palco a artista Sheila Gomes, da Fercal, acompanhada do tecladista Antônio da Silva. A programação musical inclui repertórios ligados à música regional, sertanejo e MPB.

Lápis e carvão

Além dos shows, a feira recebe a exposição “Vozes Negras”, do artista plástico Marco Antônio. A mostra apresenta retratos produzidos em lápis e carvão de artistas negras da música brasileira, entre elas Ellen Oléria, Cátia de França, Liniker e Gaby Amarantos.

Marco Antônio nasceu e mora na Fercal. Segundo o artista, a participação na feira marca a primeira vez em que expõe trabalhos na região administrativa. Ele afirma que o desenho acompanha sua trajetória desde a infância e que recebeu incentivo da mãe para desenvolver a atividade artística.



Música gratuita: da Fercal para a Fercal. Proposta é ampliar acesso da população local à cultura

Domingos reúnem no Galpão do Engenho Velho artistas em shows gratuitos e exposições

“Expor na Fercal pela primeira vez representa a realização de um processo pessoal ligado à arte”, declarou o artista. A exposição utiliza técnicas de hiper-realismo para retratar intérpretes da música brasileira. Os desenhos são elaborados a partir de estudos de luz, sombra e traços faciais. A mostra inte-

gra a programação fixa da Feira Massa durante o período de realização do projeto.

Música

A organização prevê ainda outras apresentações musicais nos próximos domingos. Em 10 de maio, a programação terá Carol Carneiro, Oliveira e Elza.

Já no dia 17 de maio, estão previstos shows de Sem Chorume-las e Adriano Rocha. Segundo os organizadores, dois shows musicais são realizados em cada edição da feira.

A Feira Massa foi idealizada pelo artista e produtor cultural Adriano Rocha. O projeto é realizado com recursos do Fun-

do de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC), vinculado à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Distrito Federal.

De acordo com a organização, a proposta do evento é ampliar o acesso da população da Fercal a atividades culturais e artísticas.

Iniciativa leva cultura à comunidade

Objetivo duplo: ao mesmo tempo, comunidade tem acesso aos artistas e eles ampliam o seu público

Além dos shows e da exposição, a feira também inclui apresentações de catira e ações voltadas à integração da comunidade local.

A entrada é gratuita em todas as atividades. Os organizadores informam que o público poderá contribuir com a doação de alimentos não perecíveis. Os itens arrecadados serão destinados a ações sociais na região.

Na Fercal

A Fercal, localizada na região norte do Distrito Federal,

tem esse nome porque, na sua origem, abrigava uma fábrica de fertilizantes, a Sociedade Fertilizantes Calcários (Fercal). A região tem recebido iniciativas culturais financiadas por editais públicos nos últimos anos. A realização da Feira Massa integra esse conjunto de ações voltadas à descentralização da programação artística no DF.

Segundo Adriano Rocha, a intenção do projeto é promover atividades contínuas na região e criar espaço para artistas locais apresentarem seus trabalhos. A

feira também busca estimular a circulação de produções culturais fora do Plano Piloto.

A programação musical da edição de 3 de maio reúne artistas ligados a diferentes gêneros. Meriele se apresenta nos vocais e triângulo, acompanhada por músicos ligados à tradição do forró. Já Sheila Gomes levará repertório de sertanejo e MPB com acompanhamento de teclado. A exposição “Vozes Negras” permanece aberta ao público durante todo o período da feira. Os visitantes poderão acompanhar os trabalhos ao longo da programação dominical.

As atividades da Feira Massa Fercal acontecem sempre no Galpão da Feira do Engenho Velho, espaço utilizado para eventos.



Marco Antônio expõe seu trabalho em lápis e carvão

Cabeças e Cabaças, música para **cegos e surdos**

Espectáculo gratuito em Planaltina emociona com diversos recursos de acessibilidade para quem tem deficiência

Por Mayariane Castro

Por quais sentidos a música é percebida? Esse é o questionamento que faz o espetáculo “Cabeças e Cabaças – O poder da visão interior”, que será apresentado nos dias 13, 26 e 27 de maio no Complexo Cultural de Planaltina.

A programação terá entrada gratuita e inclui uma sessão acessível no dia 13, às 15h, com interpretação em Libras, audiodescrição e uso de fones de condução óssea voltados ao público surdo. As apresentações dos dias 26 e 27 ocorrerão às 20h.

A proposta do concerto reúne música, escultura sonora e participação do público em uma experiência construída a partir de diferentes formas de percepção. O projeto foi idealizado pelo músico e multiartista Alan Carlos Férrea e conta com a atuação da Orquestra AK-ISUM, formada após oficinas realizadas com pessoas com deficiência visual.

Acesso ampliado

Segundo os organizadores,



Projeto propõe a percepção da música para além da audição

o espetáculo busca ampliar o acesso à música ao propor um formato que ultrapassa a escuta convencional e incorpora elementos táteis, vibrações e recursos de mediação sensorial.

A iniciativa teve início em 2023, durante atividades desenvolvidas com pessoas cegas e com baixa visão, que participaram da construção dos instrumentos e da criação artística.

Alan Carlos Férrea afirma que o projeto foi pensado para aproximar a produção musical de públicos que,

em muitos casos, encontram dificuldades de acesso a equipamentos culturais e apresentações tradicionais. De acordo com ele, a proposta surgiu da necessidade de desenvolver experiências em que a música pudesse ser percebida por diferentes sentidos. “O objetivo foi fazer música de forma democrática e permitir que ela alcançasse pessoas que muitas vezes ficam fora dos espaços tradicionais”, declarou o idealizador.

Processo coletivo

A criação do espetáculo envol-

veu encontros coletivos em que participantes compartilharam formas de percepção sonora, memória e imaginação. O resultado desse processo foi incorporado à estrutura do concerto, que passou a integrar instrumentos criados durante as oficinas e práticas de composição colaborativa.

Os músicos cegos que participaram da formação da Orquestra AK-ISUM também atuam como coautores da obra. Segundo Alan Férrea, as contribuições dos participantes influenciaram

diretamente a concepção musical e a organização cênica do espetáculo. “Eles trouxeram maneiras próprias de escutar e interpretar o mundo. Isso alterou a forma como o espetáculo foi pensado”, explica.

A proposta apresentada em palco reúne músicos com e sem deficiência em uma mesma formação. A direção do projeto informa que a ideia central não é adaptar um modelo de concerto já existente, mas desenvolver um novo formato.

Para muito além da **audição**

Uso de fones de condução óssea e outros recursos convidam a novas percepções

O novo formato proposto por Cabeças e Cabaças é construído a partir da diversidade de experiências dos participantes.

Durante as apresentações, o público é convidado a interagir com elementos sonoros e perceber a música por meio de estímulos que incluem vibração, espacialidade e silêncio.

Parte da encenação busca reduzir a centralidade da visão e estimular outras formas de percepção.

Fora do Plano

Além da circulação artística, o projeto também defende a descentralização das atividades culturais no Distrito Federal. Depois de apresentações em Sobradinho,

o espetáculo chega a Planaltina como parte de uma estratégia de ampliação do acesso a ações culturais fora do eixo central de Brasília.

Para Alan Férrea, levar o concerto a diferentes regiões administrativas também faz parte da proposta do trabalho. Segundo ele, a circulação busca ampliar as possibilidades de participação de moradores que nem sempre conseguem acessar programações culturais em áreas centrais. “A circulação para essas cidades faz parte da ideia de garantir acesso e participação”, afirmou.

A sessão do dia 13 contará com recursos de acessibilidade voltados a diferentes públicos. A interpretação em Libras permitirá o acompanhamento da apresen-



Diversidade de experiências amplia os sentidos

tação por pessoas surdas usuárias da Língua Brasileira de Sinais. Já a audiodescrição fornecerá informações sobre os elementos visuais do espetáculo para pessoas cegas

ou com baixa visão.

Fones ósseos

Os fones de condução óssea previstos para a sessão acessível

funcionam por meio da transmissão de vibrações diretamente pelos ossos do crânio, permitindo a percepção sonora sem o uso convencional da audição aérea. O recurso é utilizado em experiências de acessibilidade para ampliar formas de escuta entre pessoas com deficiência auditiva.

A classificação indicativa do espetáculo é livre. A organização informa que não será necessário retirar ingressos antecipadamente. O Complexo Cultural de Planaltina receberá as três apresentações previstas para maio. A expectativa da produção é ampliar o diálogo com o público local e promover atividades em espaços culturais fora da região central do Distrito Federal.